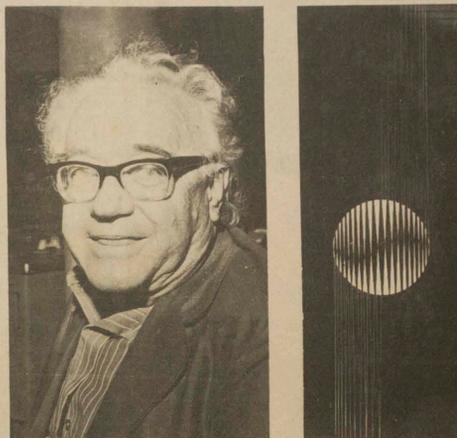


Lothar Charoux, o maior exoente do geometrismo brasileiro



Vienense de 1912, Lothar Charoux chegou ao Brasil com 16 anos, quando foi garçon e vendedor, até se transformar em comprador de fios. Hoje, ele é conhecido pelo seu pioneirismo na arte concretista e geométrica brasileira. É, também, um dos nomes mais importantes das artes plásticas do Brasil.

Lothar Charoux é conhecido pelo seu pioneirismo na arte concretista e geométrica no Brasil. Embora tenha começado pelo clássico, pois estudou com Waldemar da Costa, no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, Charoux passou por diversos "ismos" mas encontrou logo o seu caminho. Não só o encontrou como o fez a ele até hoje.

É essa fidelidade à linha, correção, limpeza e luminosidade seu traço que lhe granjeou muitos admiradores e que acabou causando boas influências e aberturas para muitos dos jovens valores atuais. Hoje, depois de inúmeros prêmios, seus trabalhos estão em diversas salas dos museus do Brasil e em inúmeras coleções particulares.

Nascido em Viena, em 1912, Lothar Charoux convivia muito com um tipo seu, Siegfried Charoux, famoso escultor moderno e caricaturista. Veio para o Brasil em 1928, acompanhou sua mãe, figurista de um grupo teatral que percorria o país. No início Lothar estreou bastante o ambiente brasileiro mas logo se acostumou. Teve várias ocupações como dono de hotel, garçom e vendedor. Acabou sendo comprador de uma companhia de fios durante muitos anos.

A medida que ia se aclimatando ao Brasil foi chegando o desejo de expressar artisticamente o novo meio em que vivia. Resolveu, assim, entrar no curso noturno do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, o que fez em 1935. Naquela época o curso se compunha de 6 a 8 semestres e foi lá que Charoux conheceu o grande mestre Waldemar da Costa e começou a estudar pintura com ele. Entre os seus colegas encontravam-se também Maria Leônia e, mais tarde, Raquel Correia e Amélia Toledo. Em 1947 participou de

uma famosa coletiva com outros 19 pintores entre os quais Marcelo Grassmann, Ademir Martins, Maria Agostini. Alguns deles ficaram famosos e outros nunca mais pintaram.

Lothar Charoux começou a "abstrair" em 1948. Na época houve muita revolta, inclusive de Flávio de Carvalho e Irar Berliné mas depois eles foram aderindo à nova modalidade. O próprio Waldemar da Costa, que no começo era figurativista, acabou com o geométrico.

Até hoje Charoux nunca se declarou contra o figurativismo, ele apenas se apega facilmente a sua modalidade que o tornou famoso em todo o Brasil. Muitos acham que o geometrismo é frio. Charoux se opõe a isso dizendo que o geometrismo apresenta vibrações (calor) através do traço. Por exemplo, muita gente fica empolgada com a visão do mar, que, no fundo, não passa de uma linha horizontal. As pirâmides, que emocionam tanto, visualmente não passam de triângulos que estão se contrapondo ao nível plano.

Quando fez um quadro com um traço só, Charoux ficou entusiasmadíssimo. É inteiramente a favor do "minimal art", quer fazer o máximo a partir do mínimo. Segundo suas próprias palavras: "Dens quer provar que não é só na posição convencional que um quadro pode oferecer o máximo de equilíbrio."

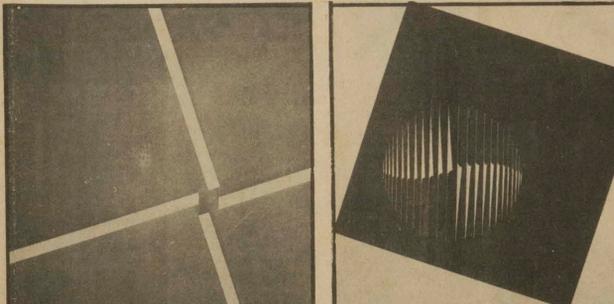
Ele também várias experiências com quadros inclinados. Com isso Charoux quer provar que não é só na posição convencional que um quadro pode oferecer o máximo de equilíbrio.

ACEITAÇÃO CRESCENTE

Indo da fase mais acadêmica até o "minimal art", Charoux deparou-se com vários obstáculos quanto à venda de suas

obras. Em exposições coletivas e salões ganhou os mais diversos prêmios e já participou de nove feiras de São Paulo. Em música e arquitetura, o abstracionismo e geometrismo teve logo grande aceitação mas em artes plásticas o fator conservacionista predominou por muito tempo e só agora, porque começa a ser realmente aceito pelo grande público. Um geométrico como Volpi está tendo aceitação fora do comum e Charoux, o pioneiro do geometrismo no Brasil está sentindo uma aceitação cada vez maior e unidade de seus trabalhos entre o grande público. Geraldo Ferraz já o chamou de "Geometrista obstinado".

Charoux, em uma de suas últimas fases, que chama de quadros musicais, consegue o que raramente se vê em uma obra geométrica: por uma espécie de ilusão óptica as linhas do quadro parecem dançar ritmicamente diante dos olhos do espectador, causando grande sensação estética. Charoux acha esta fase inesgotável quanto às suas possibilidades. É como a própria música, com sete notas se constroem infinitas possibilidades harmônicas. Presentemente, as obras de Lothar Charoux podem ser vistas em quase todos os museus de São Paulo e, em destaque, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, onde Charoux fez parte de uma coletiva inaugurada no dia 8 deste mês intitulada Retrospectiva Waldemar da Costa e "Exposição-Italo-brasileira no Mestre" em que figura juntamente com outros grandes pintores seus colegas no Liceu. O atelier de Lothar Charoux fica na r. Gavião Peixoto, 529 — Lapa City (tel. 294-0739). Um dos últimos prêmios recebidos por Charoux foi no próprio Museu de Arte Moderna de São Paulo, obtido no "Panorama de Arte Atual Brasileira" no ano passado.



Conjunto americano traz música medieval



O "New York Pro Musica", único conjunto profissional norte-americano dedicado inteiramente à música antiga, já deu início à sua terceira "tournee", desta vez de um mês, pela América Latina, e se apresentará em São Paulo no dia 20 próximo.

Sob a direção musical de George Houle, que se encontra à frente do grupo há apenas três meses, o "New York Pro Musica" oferece um variado repertório de músicas executadas pela primeira vez no Século XIV nas cortes reais da Itália e Espanha. Unido de um verdadeiro hábito de instrumentos medievais e renascentistas, um total de 20 músicos dedicaram um terço da programação da atual "tournee" à música renascentista espanhola de mestres como Cristóbal de

Morales, Juan del Encina, Diego Pisander, Juan Vastquez, Juan de Anchieta, Hernando de Cabezón, Francisco Guerrero, Ligo Garco, Cavallos Varriencio e de cinco compositores desconhecidos.

Apesar de assumir a direção do conjunto, que ele próprio classifica como um "dos melhores do mundo no gênero", George Houle levou consigo um considerável conhecimento de conhecimentos musicais. Foi professor de música na Universidade de Stanford, Califórnia, onde se especializou em música medieval, renascentista e barroca. Executa inúmeros instrumentos medievais de sopro, inclusive charrelina, cornetim e oboes barrocos.

Até pouco tempo, praticamente todos os instrumentos utilizados

pelos conjuntos eram importados da Europa. Mas a importância do mesmo na difusão da música medieval vem, não somente despertando o interesse de músicos e estudantes por essa modalidade de música, como também fazendo com que inúmeros artistas de talento passem a se dedicar à pesquisa e à reprodução de instrumentos antigos. Atualmente a maioria dos instrumentos utilizados pelo "Pro Musica" são confeccionados nos Estados Unidos.

Financiamento, o conjunto é mantido auto-suficiente. Solta por cento de suas despesas são custeadas pelos próprios espetáculos. Outras fontes de recursos, como fundações e instituições particulares, suprim o restante. A atual "tournee" pela América Latina é patrocinada pelo Departamento de Estado dos E.U.A.

TALENTO É PRÁ ESSAS COISAS

Reparem na ruivinha Annette, do filme "Sou marido fiel... quase sempre". Ser aringênuo e decidido, revela promessas de endoiar qualquer chefe de família. É isso que ela faz: dá tanto em cima de seu chefe, homem casado há dez anos, que ele fica numa encruzilhada: abandonar ou não a família por aquele rostinho de anjo.

Para dar a Annette todas essas especialidades, o diretor Jean Aurel foi buscar uma atriz da Comédia Française, Nicole Calfan, que o público já conhece por sua atuação em "Borsalino", ao lado de Jean Paul Belmondo e Alain Delon. Aqui, ela vai tentar é Jean Yanne, coisa que faz com tanto realismo que muita gente pensou que o romance iria extrapolador o filme. Tudo não passou, entretanto, de esbanjamento de talento.

Nicole Calfan, na vida real, é bem mais velha que Annette: nasceu em Paris em 1947, filha de pai russo e mãe polonesa. Depois de se bacharelar, inscreveu-se num curso de Arte Dramática e, em 1968, passou a integrar o elenco estável da Comédia. Nessa mesma época estrelou seu primeiro filme, "Le Grand Amour", de Pierre Etaix. "Borsalino", o segundo filme, serviu para consagrá-la.

"Sou marido fiel... quase sempre" ainda conta com a presença de Françoise Fabian, fazendo o papel de mulher traidora. É filme colorido.



Zenni canta o "Rigoletto" no Chile

Alberto Minoprio Zenni, cantor lírico, deverá seguir no fim do mês para o Chile, onde interpretará, no Teatro Municipal de Santiago a ópera "Rigoletto". Zenni recebeu solicitação do Chile no sentido de encontrar aqui em São Paulo um barítono que esteja preparado para cantar "Tosca" e "Rigoletto" e que possa seguir para o Chile no fim do mês. Os barítonos interessados devem se comunicar com ele pelo telefone 275-4141.

Alberto Minoprio Zenni começou a cantar aos 14 anos, quando estudava no Conservatório San Pietro a Mayella, com o maestro Nunzio Bari. Aos 18 anos já cantava profissionalmente na Itália, dando concertos.

Em São Paulo, estudou com o Maestro Raphael Pugliesi e com a prof. Herminia Russo. Ele diz que deve muito a esses dois professores, que considera excelentes, e de nível internacional.

Atualmente, Zenni se preparou durante um mês, das 8 da manhã às 8 da noite, para estar em forma para cantar o "Rigoletto". Tem ainda preparadas as óperas "Elisir de Amor", "Traviata" e "Bohème".

Do ambiente lírico de Santiago, onde passou recentemente vários meses, Zenni diz que é excelente, que o Teatro Municipal de Santiago além de muito bem organizado e muito bem conceituado é também muito bonito, paga excelentes salários. E que o público para óperas é muito grande, no Chile, e muito interessado.

Com a contratação de Alberto Minoprio Zenni para a Ópera de Santiago, e, possivelmente de um barítono, abre-se um novo campo de trabalho para o cantor lírico brasileiro, que poderá atuar numa praça já conquistada pela ópera, com muito público e, o que é melhor, um público exigente e acostumado a ver muitas óperas por ano.

